

**ENTROPIA SOCIAL: FINAL DOS TEMPOS
OU
PRELÚDIO DE UM NOVO ALVORECER?**

Nicolas Theodoridis¹

O mundo que vivemos torna-se cada vez mais complexo. Estamos todos conectados a tudo, imersos dentro de um emaranhado, como que envoltos em uma *rede*. A construção desta *rede* é a responsável por todo o desenrolar e desenvolvimento da humanidade, visto que, mediante a interligação propiciada pelos fatos e eventos, onde tudo e todos estão amarrados, a *rede* cresce cada vez mais, prendendo novos pontos, estendendo a densidade dos filamentos, tornando-se, com isso, cada vez mais complexos os emaranhados. A cada transformação de uma dessas pequenas partículas, automaticamente as outras são afetadas, independente de tempo e espaço.

Na mitologia budista, a *Rede de Indra* vem a significar a divindade homônima, onde a mesma criou o mundo, tecendo-o mediante uma teia e que, em cada um dos encontros dos fios desta teia, existiria uma pérola amarrada, significando tudo o que já existiu ou que existe, não somente materialmente, mas também as ideias. Cada pérola está amarrada a outra demonstrando a interligação existente entre tudo e todos. Qualquer modificação acaba alterando o restante das outras. Hoje, em consonância com a teoria do Big Bang, se admite na física moderna, que a matéria foi criada a partir de um único ponto, portanto, conectada a este ponto inicial, acarretando na interconexão que liga tudo a todos, servindo de base para muitas explicações que a ciência moderna não consegue resolver mediante seus atuais parâmetros de investigação, pautados somente na matéria.

Norbert Elias (1897 – 1990) já nos chamava a atenção na sua sociologia histórica, que em cada padrão de época, a autoconstrução pessoal não ocorre à margem dos preceitos vigentes e em voga na sociedade. Esta *rede* de relações na construção pessoal é visível e vinculada nos outros, pois, influenciados e somos por eles, influenciados.

¹ - Doutorando na Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. e-mail: n.theodoridis@uol.com.br

O panorama intenso e dinâmico que compõe a complexa sociedade em que vivemos se consolidou nas cidades, que para tanto teve que acomodar um número cada vez maior de pessoas, principalmente após o século XIX, fruto da Revolução Industrial. A tecnologia se faz presente em cada lar, as expectativas de vida aumentaram e ficaram de melhor qualidade. Destarte, estas transformações se processaram de maneira gradual, enquanto que outras se sucederam mais abruptamente, mas, independente disso, aconteceram. Como são processos culturais, sua assimilação demora a ser digerida pelo todo, mas faz parte do entendimento de como reelaboramos conceitos arraigados com o tempo mediante as mudanças que se sucedem a cada momento.

Toda sociedade humana tem que ser entendida como um empreendimento de construção do mundo, ou seja, um produto humano que acaba acarretando um fenômeno dialético que retroage sobre o seu produtor, resultado de processos sociais das quais o indivíduo participa ativamente. Esta sociedade confere ao indivíduo, não somente um conjunto de papéis, mas também, a sua própria identidade, entendida como fenômeno objetivamente real do mundo social em que vive, embora saibamos que sejam produções puramente humanas, radicados no fenômeno da exteriorização. O mundo social, com suas instituições, papéis e identidades, acabam sendo absorvido ativamente pelo indivíduo, fazendo-o se reconhecer como tal e o estimula a ser um coprodutor do mundo social e, portanto, de si mesmo.

A complexidade da hodierna sociedade criou laços indissociáveis entre os seus membros e, conseqüentemente, quando uma destas engrenagens não funciona devidamente, o todo é afetado. Na imagética da *Entropia Social*, vejo que, da mesma maneira das engrenagens, se considerarmos a sociedade, com um todo, um organismo vivo, cada indivíduo seria representado por uma molécula, representando cada um a sua atuação social. Sendo o indivíduo, parte integrante de determinado (s) arcabouço (s) cultural (is) erigido (s) pelo homem, este vem a assumir uma “*segunda natureza*”, sendo alguns deles materiais e outros não. Com todo este escopo, quando os indivíduos não atendem mais as premissas basilares da sociedade em questão, fatalmente ela será levada a um estado de entropia, neste caso, social.

Um estado anárquico, criado pela dissociação de seus elementos constituintes, representa, da mesma maneira, o que se sucede no corpo humano quando as moléculas e átomos entram em processo de desagregação. Na sociedade, o fato ocorre quando os

indivíduos não possuem mais hierarquia a seguir, entrando esta mesma sociedade em completo estado de desestruturação social.

Hodiernamente, estamos em uma crise coletiva de identidade, mais precisamente, uma crise espiritual, ou melhor dizendo, do vazio em seu centro, aliado a falta de propósitos mais elevados, do que simplesmente a busca dos bens terrenos. Esta sociedade é vista como materialista, gananciosa, sem sentidos mais refinados e com valores morais e éticos empobrecidos.

Desde o final dos oitocentos ao início do século vinte, a noção de decadência começou a grassar mais enfaticamente na sociedade ocidental, mas as referências podem ser identificadas bem anteriormente. Decadência significa literalmente “dissolver”, mas, também a relação de declínio dos padrões intelectuais e morais, vindo a ser um movimento de cima para baixo, em que os governantes são exemplos negativos de conduta, expressando o baixo nível que grassa a população, em geral.

A mais antiga descrição está na obra de Hesíodo, onde o poeta grego do século VII a. C., contemporâneo de Homero descreve quatro idades “metálicas” da humanidade, sendo elas respectivamente Ouro, Prata, Bronze e Ferro, sendo cada uma delas marcada pelo declínio moral em relação à anterior. Destarte, a primeira, a chamada Idade de Ouro é representada pelo controle do Titã Cronos (Tempo), que governava o mundo, tendo toda a abundância de bens e paz compartilhada entre as pessoas. Com o tempo, a sociedade foi se degenerando até a Idade de Ferro, caracterizado pela própria época do poeta em que a violência e a busca indiscriminada do lucro prevaleciam sobre a justiça.

O processo imagético desta Idade gloriosa perpassou a mentalidade no transcurso da história, influenciando não somente os gregos, como também os romanos e, posteriormente, sendo retomadas no pensamento europeu no contexto renascentista, servindo de estímulos as viagens interoceânicas e influenciando as formas de interpretação destas descobertas.

O conceito de apogeu e reino dos céus foi importante na afirmação do cristianismo primitivo e teve, no estoicismo, a apologia da igualdade social, fortalecendo a religião cristã nos seus primórdios, embora a visão dos estoicos romanos, pertencentes à classe alta, não era relacionada à busca do Reino dos Céus, mas olhavam com saudosismo o passado perdido da Idade aurífera.

O momento atual da civilização se encontra num ponto de inflexão, onde claramente se verifica que a atuação desenfreada do homem na Natureza, através da alteração das condições de vida no planeta, acaba trazendo consequências que de tempos em tempo, Gaia, nome dado ao planeta como elemento vivo, reclama seus direitos, pois sofre as consequências da imprevidência do homem na exploração de seus recursos naturais. - Mas, que culpa tem o homem num terremoto e posterior tsunami? Realmente, não é ingerência do homem na manifestação do fato em si, mas o resultado com a ameaça de uma usina nuclear que ficou avariada pelo terremoto. Essa sim é consequência da ação direta do homem.

Os fatos, que diariamente se evidenciam, tais como efeito estufa, gases tóxicos, poluição dos rios e mares, entre outros tantos afetam diretamente o ecossistema do planeta. O processo de conscientização que acomete os homens ainda se encontra incipiente, remetido a grupos como o Greenpeace e ONGS que apregoam a utilização racional das fontes do planeta. Esses mesmos grupos ficam restritos devido ao poderio econômico reinante dos grandes conglomerados multinacionais que comandam a economia global.

A teoria de Charles Darwin (1809 – 1882), publicada em 1859, no livro “A Origem das Espécies”, acabou sendo geratriz de um acirrado debate entre duas correntes distintas que são os evolucionistas (predominantemente aliada às bases científicas que vigoram em nossa sociedade) e os criacionistas (de base religiosa), sustentados na Gênese Mosaica, pois, o impacto das ideias darwinianas no contexto europeu se pautou, não pelo processo evolutivo propriamente dito, pois as propostas evolucionistas já coexistiam desde o início da centúria (XIX), mas pelo fato de retirar um fim (telos), presente na mente divina desde o início dos tempos.

Ao abolir essa espécie de evolução teleológica, Darwin deixou de reconhecer algum objetivo real na existência, posto de antemão por Deus ou pela natureza. Ao invés disso, a seleção natural e somente ela, seria a responsável pelo surgimento gradual, mas regular, de organismos mais elaborados. Um processo que avançava com regularidade desde o início primitivo, sem, contudo encaminhar-se a algum objetivo. Através destas visões díspares, ter-se-á um aumento de articulação e especialização do saber científico moderno, tendo como resultado, um intenso processo de dessacralização do pensamento. A ascensão da ciência triunfa sobre a fé, culminando na sociedade da qual convivemos, pautada na superficialidade da vida e no consumo exacerbado dos bens materiais.

O reflexo do encaminhamento do pensamento humano na infabilidade da ciência acabou levando o homem ao descrédito das religiões como modelos de explicação, mas as consequências mais aterradoras estão inseridas em cada um de nós, pois o resultado foi que assumimos o estilo do “*carpe diem*”, sem maiores preocupações morais, evidenciados pelo aumento de doenças existenciais, tal como a depressão e pelo descaso ao próximo, pois suas principais premissas partem do entendimento de que tudo termina na vida presente.

Na ciência moderna, o pensamento cartesiano (René Descartes - 1596 - 1650) separou a mente da matéria. Este modelo mecanicista, sustentado posteriormente por Sir Isaac Newton (1643 – 1727) veio a se tornar o alicerce da física clássica ocidental, diferente da oriental, pois esta enfatiza a necessidade de uma visão holística do homem através da conscientização da unidade do todo e de sua interação para com todas as coisas.

A visão holística do universo começa a ser desvelado mediante as revelações da Física Quântica, à medida que os diversos modelos subatômicos da matéria vão sendo percebidos como interligados em mútua interação e interdependência entre eles.

Fazendo analogia com a própria estrutura do organismo, estamos em constante e mútua interdependência de tudo e todos. O corpo que abriga o espírito consciencial, tem, por isso, o dever de melhor se portar frente aqueles que posteriormente irão também abrigar uma colônia de princípios inteligentes.

O status de *ciência* permeia amplos setores da sociedade, estabelecendo parâmetros de aceitabilidade, somente baseados nos experimentos realizados segundo os moldes ditos científicos, ou seja, mediante comprovações laboratoriais.

Paradoxalmente, a mesma sociedade atual, que rejeita a futurologia de videntes e sensitivos de modo geral, aprecia previsões climáticas e, talvez com mais ardor, econômicas. Tem-se a impressão de que, em razão de economia e meteorologia gozarem do status de *ciência*, as predições que fazem se revestem automaticamente de credibilidade perante o público, que presume haver em todas elas embasamento, critério e rigor, unicamente porque se apresentam como fruto de análise científica.

No fenômeno profético, ao contrário, temos predições e previsões espalhadas, por exemplo, na Bíblia. Ao contrário do que o senso comum tende a supor, a validade de uma previsão não está necessariamente associada a datas anunciadas com precisão para o

cumprimento daquilo que se prediz. Isto se pode ser explicado pelo fato de que o tempo para o vidente é o *presente*; o espaço e a duração não existem para ele.

Somos seres egressos da matéria primordial, o átomo vivificado pela presença do princípio inteligente, que no transcurso evolutivo chegou ao patamar de espírito/homem, consciente e que continua até o anjo, identificado como o mais alto grau de perfeição da criação.

Compreendermos quem somos hoje e a maneira de como vislumbramos o mundo, passa, na realidade, pelo entendimento de como esta visão foi construída. Conhecer o passado não é simplesmente decorar datas e nomes, mas sim a possibilidade de saber que somos frutos de continuidades e descontinuidades no transcurso da história, oriundo dos choques entre os povos do passado, não apenas materialmente, mas, também, cultural. Com uma visão mais apurada e crítica, temos como olhar em volta de nós e sermos sabedores dos elementos forjadores de nossa mentalidade.

Achamos que a época atual é sempre de caráter negativo e que as experiências que vivemos no passado refletem uma pureza perdida há muito tempo. Na verdade, embora estejamos à volta com várias situações que não convivíamos no passado, cada tempo é fruto de suas próprias incongruências. A sociedade como um organismo vivo, se modifica e se adequa a cada momento, exigindo que se acompanhe o processo de mudança, caso não queira ficar ultrapassado.

Este é um dos aspectos da repulsa pela religião, de um modo geral, hodiernamente. Suas estruturas continuam fincadas na Idade Média, não sofrendo adaptação e pior ainda, não propiciando uma finalidade aos ensinamentos aprendidos. Sua principal finalidade é descortinar um novo entendimento de vida e, infelizmente, o único caminho que se descortina é sair da religião, aquela dogmática para a simples religiosidade, colocando este aprendizado em suas vidas, seus cotidianos e relacionamentos múltiplos ofertados pela sociedade multifacetada da qual estamos imersos, independente de credo religioso ou de filiação partidária, pois estes são apenas rótulos sociais que exaramos aos outros como forma de identificação social, mas, no cotidiano, aquilo que nos diferencia, é a prática do bem.

Temos que ampliar nossos horizontes e perspectivas sobre o verdadeiro significado de uma simples palavra – *Vida*. Somos seres em estágio evolutivo e que agora nos encontramos no âmbito hominal. Já fomos átomos, moléculas, seres unicelulares, minerais, plantas e

animais, indo em direção ao mundo angelical. Para tal desiderato, temos que modificar muitas de nossas supostas convicções e pensamentos, pautados em crenças limitadoras, dogmáticas e castradoras.

O que nos compete é, simplesmente, aceitar os desafios dos quais a vida nos impõe, afim de que façamos com que as desigualdades da personalidade que, ostentávamos ontem, possam ser removidas e superadas, retirando o envoltório pesado, este que ainda nos mantém imantado às zonas escuras da Terra, procurando entrar em sintonia com os benfeitores que nos esperam na Glória Espiritual.

Em cada renascimento na Terra, sofremos as intempéries de nossas próprias criações, visto que, somente assim podemos entender as tantas disparidades das quais observamos na sociedade em todos os matizes. Como explicar uma criança que nasça com algum tipo de deformidade no seu soma, impossibilitando uma vida plena, outras tantas que sofrem na pobreza levando uma existência de penúria e luta e outros que passam a vida lutando contra debilidades que lhe acometem a experiência física. Compreendendo o binômio plantar/colher e da lei magnâmica de Deus, temos condições de aceitar e entender os percalços da vida pelo qual tantos experimentam no labor da existência física.

Para todos os problemas existências desse jaez, entretanto, temos que reconhecer que só o bem puro e espontâneo se constitui no o remédio justo e eficaz para a plenitude da vida. Somos, em verdade, moldados pela influência que aliciamos como quem apenas recolhe da gleba plantada aquilo que nós próprios semeamos. Os acontecimentos da vida são resultado dos atos praticados e, para tanto, preservaremos a nossa lavoura compromissada contra a herança daninha.

A falta de perspectiva é uma triste realidade, pois está pautada na pura materialidade da vida, propalada por cientistas que acalentam que somos simplesmente um composto de átomos e moléculas e toda e qualquer dita experiência espiritual pode ser explicada por determinada reação química.

Por fim, e talvez o mais importante seja a questão do sentido da vida. Ao colocar que a vida termina na morte do corpo, o ser se acha perdido sem orientação e saber o que realmente é. “As perguntas fundamentais da filosofia se fazem presentes novamente – “Quem sou”, “Para onde vou”, Com qual objetivo” e neste parecer, imbuído da visão espiritualista,

podemos olhar para frente e termos respostas que, se não corretas, pelo menos significam algo mais que a pobre visão materialista.

Na busca de sua própria identidade como ser, galgamos continuamente o valioso processo de introspecção interior, passível de ser realizado pelo autodescobrimento, sendo este pessoal e intrasferível.

O ser humano ainda não se conhece realmente, pois, identifica e persegue suas metas exteriormente, posições estas pautadas na aquisição de conquistas pecuniárias, de colocações superiores dentro da hierarquia social, sem, no entanto, estar preparado para as vicissitudes da vida que a todos acometem. Sendo detentor de admiráveis recursos interiores, que ainda se encontram em fase preliminar de exploração, eles ainda dormitam na mônada espiritual em estado latente, pronta para desabrochar quando da maturidade mental do indivíduo, efetuando assim, a maiêutica do espírito.

Para tal desiderato, o homem precisa se ver originado de procedência divina, gerado no caudilho do Amor de Deus, pois, somente com a experiência do Amor, é que ser-nos-á possível romper as couraças do ego, arraigados no primitivismo que ainda predominam na natureza humana.

O homem é o único animal ético existente, apresentando uma consciência criativa e abstrata, que lhe possibilita, após o autodescobrimento de si, vivenciar estes valores latentes, propiciando o senso de liberdade e o gozo da vida em sua plenitude, vivendo ainda cercado e cerceado por dogmas e crenças que retardam e atrapalham o desenvolvimento do ser como um todo.

Este caos espiritual em que vivemos é produto da efervescência de ideias extremistas inculcadas por mentes pautadas na intolerância de convívio para com os outros e também, de entender, pois cada um se movimenta dentro da relatividade das luzes das quais já tenha logrado alcançar.

Possuímos um Cristo Interior, pronto para ser lapidado, mas para tal possibilidade se materializar, dependemos do seu grau de maturação, mas, este ainda se acha sepultada nas próprias entranhas do ser, protegida e resguardada por camadas protetoras, impossibilitando a visualização e utilização de todas as suas potencialidades.

Cada um de nós tem condição de conhecer os extraordinários recursos internos, pois, somente assim, nos tornaremos o timoneiro que segue no comando do leme de seu navio,

sendo o condutor do seu próprio destino no rio da vida, construindo o forjar da sua realização interna, mediante o conhecimento de si próprio.

Portanto, a entropia social significa o fim de um tempo, mas marca obrigatoriamente o começo de outro. O homem, nesta jornada, se encontra na linha divisória, da civilização de cunho materialista para o alvorecer do espírito. O despertar já se faz sentir, basta ter sensibilidade suficiente para senti-lo. Essa é a evolução integral do ser holístico, ciente de todas as suas potencialidades. Este é o próximo patamar a ser galgado.